

## DE BORDÉIS E LARES: UM ESTUDO SOBRE PROSTITUIÇÃO E FAMÍLIA NO BAIRRO DO JURUNAS EM BELÉM-PARÁ

Luís Junior SARAIVA

(Professor do Campus de Marabá da UFPA, Mestre em Antropologia)

**Resumo:** *A presente pesquisa objetivou abordar a prostituição partindo do privado da vida pública das prostitutas: a família. O trabalho realizou-se no bairro do Jurunas em Belém do Pará, nos locais frequentados por prostitutas. Através do olhar antropológico sobre essa realidade social, a intenção foi descartar esse universo familiar. Aniversários, batizados, fofocas, momentos de sociabilidade e de criação de redes de solidariedade nas quais a família é um referencial importante na vivência cotidiana dessas mulheres que não são apenas "damas da noite," mas mães de família.*

*"... as pessoas pensam que a gente só vive aqui 24 horas, mas nós fazemos outras coisas, temos família, temos filho, mamorado. Eu trabalho na feira também, eu não vivo só do meu corpo, mas as pessoas, elas nunca olham isso."<sup>1</sup>*

*"A relação com o corpo prostituído é uma relação plural. A prostituição é, por definição, "uma história de casal".<sup>2</sup>*

Como retratar as práticas cotidianas existentes em um bairro? Eis uma das tarefas do antropólogo. Nessa empreitada nossa aldeia é o bairro do Jurunas o qual traz uma diversidade humana e cultural,

<sup>1</sup> Anotação de campo registrada no diário em 12.11.2000. Todos os registros nominais são fictícios.  
<sup>2</sup> Cf. LINS, Daniel. "O corpo prostituído". In: *O Dado no Cêdo: Antropologia de Cotidiano*. São Paulo: Juruá, 1999. p. 149

um emaranhado de espaços que formam na definição de Deleuze e Guattari, uma cartografia complexa.<sup>3</sup>

Bairro que tem na escola de samba *Rancho Não Posso me Amofiná*,<sup>4</sup> sua maior expressão carnavalesca e um dos símbolos que compõem a identidade jurunense, mas é também local de fluxo de pessoas que saem e que chegam desembarcando nos inúmeros portos presentes na orla ribeirinha do bairro, pessoas que vão e vêm pelos rios, dos lugares próximos a Belém.

Esse é o bairro o qual agora passo a adentrar na busca de conduzir o leitor pelos vários ambientes aí presentes, com a intenção de apresentar as múltiplas facetas que compõem o mesmo e definem o que significa trabalhar, morar ou mesmo somente passear por um bairro e não por outros, mas, nossa viagem tem um trajeto definido que vai do bordel, onde mulheres trabalham durante a noite jurunense, ao seio da família, espaços que, diferente do que se possa pensar, estão em constante diálogo.

### Do bordel ao lar

Na maioria, os estudos sobre prostituição no Brasil ou mesmo fora dele, abordaram o tema através da relação polícia/médico e as próprias fontes utilizadas como processos criminais e jornais, ajudavam a construir tal visão do assunto o que terminou por conduzir a maioria das pesquisas por esses caminhos, como também termina por aprisionar a prostituta ao ambiente do bordel, excluindo qualquer tipo de contato com o ambiente familiar.

Fonseca, em um artigo pioneiro discute essa falta de estudos que versem sobre a família, pois segundo ela, o estudo de tal temática estará "...ajudando a desgrudar o tema da prostituição do jogo pendular polícia/médico, como também mostrar essas mulheres como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão bem

<sup>3</sup> Cf. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

<sup>4</sup> Sobre a importância da escola de samba, *Rancho Não Posso me Amofiná*, na construção da identidade jurunense. Cf. RODRIGUES, Carmen Isabel. "A nação jurunense no carnaval das tribos: cultura popular e identidade em Belém". In: *Revista da 1ª Jornada História e Cidade*. Belém: UFPA/NAEA, 2001: p. 34.

além do *mêier*...,”<sup>5</sup> possibilitando desvendrar a vida das prostitutas fora dos limites imaginários ou reais, nos quais o tema permaneceu restrito.

Mesmo inquietado com tal fato, meu contato com as prostitutas que trabalham no bairro seguiu o mesmo trajeto de outras pesquisas e iniciou-se pelos bordéis presentes no bairro, mesmo porque no cotidiano do bairro a prostituta é visível a partir do ambiente de trabalho, e nesse caso, foi interessante perceber como as mulheres que eram por mim abordadas, buscavam dar respostas sobre seu cotidiano de trabalho. Portanto, é interessante pensar a relação pesquisador-pesquisadas e como essas últimas tinham uma imagem pré-construída sobre o pesquisador e suas possíveis indagações.

O local escolhido para o início da pesquisa foi os bordéis-bares existentes na orla ribeirinha do bairro do Jurunas, mais especificamente a casa de *show* denominada Dance Days – and Night, conhecida como *Cêu*.

*O acesso ao estabelecimento se faz através da entrada que fica de frente para a Bernardo Sayão, por uma escada que é bastante inclinada. Ao chegar à porta, percebi que para ter acesso ao salão de festas, precisava passar pelo guarda que verificava se não havia alguém armado. Na parede se lê a seguinte frase, “proibida a entrada de menor de 18 anos”.<sup>6</sup>*

Mesmo não sendo permitida a entrada de menores de 18 anos no estabelecimento, sua presença era muitas vezes negociada com o policial que, em troca de cerveja ou de determinada quantia em dinheiro, liberava a entrada do menor. No caso das mulheres, não percebi a preocupação com a idade, mesmo porque ao nosso lado havia uma moça que pela aparência deveria ter 16 anos e caminhava tranquilamente pelo estabelecimento sem ter sido abordada pelo guarda. Fato que indica a existência de acordos entre as prostitutas, o dono do local e a vigilância.

<sup>5</sup> Cf. FONSECA, Cláudia. “A dupla carreira da mulher prostituta”. In: *Revista Brasileira Feminista*, v. 4, n.º 1, Rio de Janeiro: IFCN/UEFJ, 1996, p. 8.

<sup>6</sup> Anotação de campo registrada no diário em 29.11.2000.

À frente do Cêu ficam os taxistas à espera de clientes e, pelo que pude perceber, o Cêu é um dos ambientes de realização de festas mais movimentados da área, apesar de carregar um certo estigma, pois quando algumas pessoas, mesmo frequentadoras, se referem ao Cêu, é com um certo desdém, e ainda assim a clientela é bastante diversificada.

*Já por volta da meia-noite, estávamos no Cêu. Minha primeira atitude foi estabelecer-me em um ponto do qual eu pudesse observar todo o estabelecimento ... Logo foi possível perceber que as pessoas que frequentam o ambiente, eram de determinado grupo social específico como: pescadores, estivadores, pessoas que trabalham no Porto do Agui, que fica ao lado do Cêu, prostitutas e não prostitutas, homossexuais e policiais que controlam a segurança. A maneira como os frequentadores se vestem é significativa ... os homens vestem bermuda, drinelo e camiseta ou camisa, em algumas exceções os homens usavam calça jeans e tênis. As mulheres (prostitutas) com saias bastante curtas e de tecidos claros deixando perceber suas roupas íntimas enquanto dançam, ou caminhavam pelo salão. ... As músicas mais tocadas são os bregas, os merengues, sendo que certas músicas são mais solicitadas que outras. A música mais pedida da noite foi "A Feiticeira" ... Por volta das duas horas da madrugada o Cêu já estava no ápice, no que diz respeito à quantidade de pessoas que dançavam e bebiam embaladas pelo ritmo do brega, tendo no reflexo das luzes piscantes e multicores, a impressão que seus corpos se movimentavam num ritmo mais frenético ainda.<sup>7</sup>*

Mesmo sem fumar, carrego uma carteira de cigarros e logo começam os primeiros pedidos, mas há também o pedido para acender o cigarro o que, na verdade, é a forma que algumas mulheres encontram para "forçar" a aproximação. E dessa forma, consigo o

<sup>7</sup> Anotação de campo registrada no diário em 29.11.2000.

primeiro contato com uma mulher chamada Carmem, que pediu para acender o seu cigarro e acabou conversando comigo e se tornando uma importante interlocutora.

Mas não podemos ser ingênuos em pensar que o pesquisador poderá passar despercebido junto ao grupo. E isso ficou claro para mim logo no primeiro contato com Carmem, no *Cêr*, naquela noite. Em dado momento, ela se vira para mim e diz que logo percebeu que eu não era dali. É curiosa tal afirmação se pensarmos o contexto em que se deu; eu cheguei travestido de modo semelhante aos moradores e frequentadores daquela área, no intuito de obter os dados, mas não funcionou, "fui descoberto por uma nativa."

Não precisávamos nos travestir para interagir com o grupo, não parece, portanto, muito simpático para o "nativo," que um "de fora" tente se tornar ou parecer "nativo," o importante mesmo é compreender o que os "nativos" estão fazendo.<sup>3</sup>

No local observei que unida ao cigarro está a cerveja, objeto de socialização entre as pessoas, pois todas, sem exceção, bebem, o que de alguma forma, as une em torno de uma mesa. A cerveja também funciona como um estimulante para os mais tímidos, que após alguns copos começam a criar coragem para chamar as mulheres, ou estas últimas a chamar os homens para dançar.

A dança é o momento de contato público entre os corpos, e depois da música, o casal poderá chegar a um acordo e se dirigir a um dos quartos que ficam ao final do salão, quartos que percebi serem utilizados por prostitutas no decorrer da noite.

A dança, regada a muito *braga*, é o forte do local. Alguns homens passam grande parte da noite apenas dançando e bebendo, sendo que muitos dos clientes da casa pedem para que a música, a qual é o sucesso do momento, seja repetida várias vezes. Uma das músicas que chamou minha atenção foi o *braga* "A Feiticeira" que chegou a tocar quinze vezes durante a noite. Pensando um pouco no contexto, percebo que ele faz sentido, pois a feiticeira da música é o modelo de mulher fatal, que seduz com um simples olhar e deixa os homens enfeitiçados. Um imaginário que acaba por agradar tanto aos homens

<sup>3</sup> Sobre a discussão, consultar GUBERTZ, Clifford. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 88.

que buscam essa *femme fatale*, como as mulheres que se identificam com a mulher sedutora que encanta qualquer homem.

Outro ambiente significativo são os bares que funcionam ao lado do Cêu, no chamado *Bairro*. Estes permanecem funcionando o dia todo com música, garantindo de certa forma a clientela do Cêu, pois permitem a presença de pessoas no local. São cerca de sete bares; alguns possuem mesas de bilhar e mini aparelhagem de som, atraindo clientela diariamente.

A prostituição no Jurunas já existia antes que eu lá chegasse e continuará a existir depois que eu termine de realizar a pesquisa. Essa parece ser uma realidade importante para que Geertz nos chama atenção, para pensar sobre o fazer antropológico. A sociedade estudada existe antes que venha qualquer pesquisador até ela, pois ela é composta dos mais diversos simbolismos e significados. Os sujeitos que a compõem já estavam lá, têm sua própria cosmologia, seu modo de pensar a realidade e seu grupo social.

Assim, o pesquisador tem de saber lidar com os significados que as pessoas atribuem a coisas próprias do seu grupo, as quais frequentemente diferem das definições de categorias elaboradas pelo pesquisador, estando assim o pesquisador no meio da discussão e elaboração dos trabalhos entre o empírico e o acadêmico.

Como afirma Geertz, “[o] que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo,”<sup>9</sup> e não procurar se tornar como um deles, até porque o estrangeiro não será nunca um nativo devido aos processos de socialização diferenciados.

Em uma das noites, fui surpreendido com o convite para o aniversário de Lurdes, convite que vinha acompanhado da seguinte advertência: “... é coisa simples, não vai reparar.”<sup>10</sup> Naquele momento, mesmo ainda sem saber, já não tinha só uma interlocutora que me daria respostas, mas uma amiga que se mostrava sempre pronta a me ajudar.

No outro dia, lá estava eu, de presente em mãos em busca da casa de Lurdes. Só depois de muitos desencontros cheguei até o

<sup>9</sup> Cf. GEERTZ, Clifford, *op. cit.* p. 69.

<sup>10</sup> Anotação registrada no caderno de campo em 20/05/2001.

local. A casa, ou melhor, o quarto onde moram Lurdes e a amiga Marta, fica na Vila da Maria José, local assim chamado devido ser esse o nome da proprietária dos quartos, o que dificultou a procura, mesmo porque essa vila não existe no mapa e o nome só é conhecido pela vizinhança. Ao entrar na vila, a única lembrança que vinha em minha mente era a cidade de Zenóbia, descrita por Ítalo Calvino, a qual "... embora situada em terreno seco, ergue-se sobre altíssimas palafitas, e as casas são de bambu e de zinco, com muitos balcões e varandas, postos em diferentes alturas, ... ligadas por escadas de madeira e passarelas suspensas."<sup>11</sup> Os quartos alugados onde moram Lurdes e sua amiga Marta, ficam suspensos e são ligados uns aos outros por passarelas de madeira, as quais tem-se sempre a sensação de que a qualquer momento vão desabar, assim como as paredes que, meio inclinadas, dão a mesma impressão.

O quarto, apesar de pequeno, comportava nesse dia oito pessoas, entre amigos e amigas de Lurdes que bebiam cerveja e festejavam com brindes e gargalhadas que chegavam a incomodar os moradores do quarto ao lado, mas depois, vim a saber que era o próprio irmão de Lurdes.

Pude constatar então como Lurdes estava inserida dentro de redes de relações que estavam além das suas relações com clientes ou amigas de trabalho, e que envolviam amigos e familiares. Percebi que o momento agora era de desvendar esses outros aspectos da vida de mulheres como Lurdes, um cotidiano que em momentos como o da festa de aniversário deixavam de ser invisíveis para se tornar objetos de análise e reflexões sobre vidas humanas.

### **Em Cena: as famílias de prostitutas**

É o momento de adentrar os espaços recônditos dos lares e conhecer o cotidiano de mulheres que transitam da esfera pública da atividade como prostituta à esfera privada da família. E como primeiro ponto podemos destacar a noção de família como algo sagrado, uma das simbologias que criam fronteiras espaciais e fazem

<sup>11</sup> Cf. CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 36.

com que algumas mulheres busquem manter separado o espaço de trabalho do espaço familiar.

No que se refere à família, pode constatar a presença de vários modelos que são atualizados cotidianamente, sendo interessante destacar o modo como esses modelos vão sendo adaptados à realidade particular de cada mulher.

Se, por um lado, elas falam em casar e ter um marido que as sustentem, por outro não querem abrir mão da sua "liberdade," entendida aqui como a perda do seu espaço de mando. Não posso esquecer que algumas já foram casadas e sempre associam esse momento a tarefas cotidianas enfadonhas e repetitivas. Relato muito parecido com o das prostitutas que trabalham como empregadas domésticas, as quais associam a figura do marido à figura do patrão. Bem diferente é a associação simbólica do patrão, para a mulher que está na prática da prostituição, pois nesse caso o patrão é sempre aquele que faz todos os gostos da prostituta e muitas vezes ainda é vítima de golpe.

A própria perspectiva da prostituição praticada no Jurunas, reforça a presença feminina e dá pouca importância para a participação masculina; isso também era verificado nas décadas de 60 e 70 na zona central, onde não tinha destaque a figura do cafetão. Mas, no Jurunas essa figura simplesmente não existe, e pude constatar que mesmo no *Locomotiva* e no *Lapiuka* (boates de prostituição), como também na Zona Central, essa figura não se faz presente.

A participação feminina atravessa as redes de relações, pois são as mulheres que ajudam as mulheres, e apesar de em alguns casos haver a ajuda masculina, há maior cobrança por parte dos homens, um fator que termina causando desvalorização da contribuição masculina, seja de parentes ou não.

Espero, por fim, ter lançado luz sobre uma realidade que por muito tempo esteve limitada pela luz *nôwi* das boates fechadas. As mulheres que se deixaram etnografar, não são damas da noite, *femmes fatales*, são mulheres de carne e osso, que amanhecem de ressaca após uma longa noite no Céu, que gargalham junto aos amigos(as), comemorando seu aniversário, choram a morte de uma amiga ou, ainda, se solidarizam em torno de uma gravidez nem sempre



desejada, e por vezes, vivem a imagem da *femme fatale*, quando assim for conveniente.

Lúcia, Maria, Carmem, Marta, personagens que compõem este grande espetáculo, no qual muitas vezes tive que sair da platéia e assumir a postura de ator, com direito até mesmo ao improviso. Pois em muitos momentos fui chamado a participar de acontecimentos cotidianos ocorridos no decorrer da pesquisa.

A cortina se fecha, mas o espetáculo não termina, nos bastidores de cada família os cenários são remontados, ganham novas formas. Não há um modelo, mas vários, que são apropriados de diferentes formas.

Os arranjos familiares das prostitutas não estão congelados em imagens imutáveis, pelo contrário, a própria atividade como prostituta contribui para as mudanças. Utilizando mais uma vez a metáfora do teatro, a família das prostitutas com seus atores sociais, mesmo encenando o mesmo espetáculo, o espetáculo jamais é o mesmo, pois cada ator tem a possibilidade do improviso, o que elimina qualquer possibilidade de encerrar o espetáculo em um único modelo.

## BIBLIOGRAFIA

---

- CAIVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Plate – Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- FONSECA, Claudia. "A dupla carreira da mulher prostituta" *In: Revista Estudos Feministas*, v. 4, n° 1. Rio de Janeiro: IFC/UFRJ, 1996: p. 7-32.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1998: p. 85-107
- LINS, Daniel. "O corpo prostituído" *In: O Dado no Oito: Mitoepolíticas do Quilombo*. São Paulo: Annablume, 1999: p. 149-151.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. "A nação jurumense no carnaval das tribos: cultura popular e identidade em Belém" *In: Revista da 1ª Jornada História e Cidade*. Belém: UFFA/NAEA, 2001: p. 34-36.